

**ACTES DEL X CONGRÉS INTERNACIONAL  
DE L'ASSOCIACIÓ HISPÀNICA  
DE LITERATURA MEDIEVAL**

**Edició a cura de  
Rafael Alemany,  
Josep Lluís Martos  
i Josep Miquel Manzanaro**

**Volum I**

**INSTITUT INTERUNIVERSITARI DE FILOLOGIA VALENCIANA  
«SYMPOSIA PHILOLOGICA», 10**

**Alacant, 2005**

Asociació Hispànica de Literatura Medieval. Congrès (10é. 2003. Alacant)  
Actes del X Congrès Internacional de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval /  
edició a cura de Rafael Alemany, Josep Lluís Martos i Josep Miquel Manzanaro. -  
Alacant : Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, 2005. - 3 v. (1636 pp.) ;  
23,5 x 17 cm. - (Symposia philologica ; 10, 11 i 12)  
Ponències en català, castellà i gallec  
ISBN: 84-608-0302-3 (84-608-0303-1, V. I; 84-608-0304-X, V. II; 84-608-0305-8, V. III)  
1. Literatura medieval - Història i crítica - Congresos. 2. Literatura espanyola - Anterior  
a 1500 - Historia y crítica - Congresos. I. Alemany, Rafael. II. Martos, Josep Lluís.  
III. Manzanaro, Josep Miquel. IV. Título. V. Serie.  
821.134.2.09"09/14"(063)

Director de la col·lecció: Josep Martines

© Els autors

© D'aquesta edició: Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana

Primera edició: maig de 2005

Portada: Llorenç Pizà

Il·lustració de la coberta: Taulell amb escena de torneig (1340-1360),  
Museu Municipal de l'Almodí, Xàtiva  
Imprimeix: TÁBULA Diseño y Artes Gráficas

ISBN (Volum I): 84-608-0303-1

ISBN (Obra Completa): 84-608-0302-3

Dipòsit legal: A-519-2005

La publicació d'aquestes *Actes del X Congrès Internacional de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval* ha comptat amb el finançament de l'Acció Especial BFF2002-11132-E del Ministerio de Ciencia y Tecnología.

Cap part d'aquesta publicació no pot ser reproduïda, emmagatzemada o transmesa de cap manera ni per cap mitjà, ja siga electrònic, químic, mecànic, òptic, de gravació o de fotocòpia, sense el permís previ de l'editor.

## UM ESBOÇO DOS «ROMANCES VELHOS EM PORTUGAL»

Os «Romances Velhos em Portugal» (Vasconcelos 1907-1909), compilados em opúsculo, em 1934 (Vasconcelos 1934)<sup>1</sup> sob o mesmo título, têm representado para diferentes gerações de investigadores<sup>2</sup> a primeira obra de erudição sobre a tradição antiga no país e a mais ampla inventariação crítica dos temas medievais documentados em autores portugueses que compuseram entre os séculos xv e xvii. Os estudos posteriores enriqueceram o legado da colecção ao descobrirem novas menções e ao aprofundarem criticamente algumas das alusões assinaladas por Carolina Michaëlis de Vasconcelos;<sup>3</sup> mas, apesar disso, ainda hoje recorreremos justificadamente ao seu magistério.

Advertia a insigne filóloga que os seus artigos publicados a convite de Ramón Menéndez Pidal<sup>4</sup> não tinham inaugurado a sua incursão ao *corpus* antigo nem a sua afirmação de que os portugueses o tinham conhecido (Vasconcelos 1934: 8-10)<sup>5</sup> —na verdade, oferecera antes deles algumas «amostras» das evocações romancísticas longamente apresentadas em 1907-1909. Reconhecia igualmente que mesmo as suas primeiras contribuições não tinham sido pioneiras na demonstração da arcaica familiaridade lusitana do género, lembrando as breves notas de Almeida Garrett e os estudos de Teófilo Braga e Wilhelm Storck (Vasconcelos 1934: 6-7 e 10).<sup>6</sup>

1. Cítarei o estudo a partir desta edição.

2. Por exemplo, Ramón Menéndez Pidal (1968: 1, 179) e Giuseppe Di Stefano (1982: 27-37).

3. Vide, por exemplo, os trabalhos de Aida Fernanda Dias (1974), Pere Ferré (1982-1983) e Eugenio Asencio (1989); temos oferecido, também, algumas contribuições, a última das quais a sair brevemente do prelo, «Em torno da oficina poética de Gil Vicente: "E que cantigas cantais?"», *Simposio Gil Vicente y el Teatro Ibérico en el siglo xvi*, Facultad de Letras, Universidad de Extremadura, 21-22 de Novembro de 2002.

4. Leia-se a «Advertência Preliminar» escrita em Dezembro de 1909 que abre o tomo de 1934 (página sem numeração).

5. Refere-se aos seus estudos publicados nos periódicos *Revista Lusitana* (Vasconcelos 1890-1892: 156-179 e 193-240), *Zeitschrift* (Vasconcelos 1892: 40-89 e 397-421), e ao texto que, com uma pequena colaboração de Teófilo Braga, oferece a Gustav Gröber (Vasconcelos 1897: 129-382).

6. Remete para o *Romanceiro* garrettiano (Almeida Garrett 1851), para um elenco bastante incompleto das obras de Teófilo Braga e para a monumental obra camoniana do autor alemão (Storck 1880-1885).

Entre esses subsídios que antepunha aos seus do início da década de 90, ainda recordou o de Ferdinand Joseph Wolf (Vasconcelos 1934: 2, 6),<sup>7</sup> mas o destaque maior fê-lo recair, com justiça, sobre o de Braga; no entanto, o tributo que lhe prestou manifesta-se bastante incompleto, quer por não se mostrar exaustivo na apresentação da resenha de obras em que o fundador da história da literatura portuguesa tinha indicado dispersamente alusões de autores nacionais (Vasconcelos 1934: 7),<sup>8</sup> quer por nem sempre remeter para a precedente descoberta teofiliana de várias referências.

Compulsando as páginas críticas do polígrafo açoriano publicadas até à estampagem dos artigos, pudemos, contudo, reunir um conjunto significativo de versos e temas detectados pelo erudito em textos portugueses bem como de estudos sobre a tradição antiga e descobrir a verdadeira dimensão do trabalho de Braga: um esboço dos «Romances Velhos em Portugal» iniciado quatro décadas antes do aparecimento dos artigos na *Cultura Española*.

Teófilo manifestou o seu interesse por esta investigação em 1865 (Braga 1865: N.º. 3616),<sup>9</sup> dois anos antes da data indicada por Michaëlis de Vasconcelos,<sup>10</sup> e, em 1907-1909, tinha já apresentado um considerável número de referências — embora de forma avulsa, nas páginas dos seus estudos gerais e monográficos sobre a literatura portuguesa. Ultrapassou, mesmo, este marco temporal —vide, por exemplo, o volume dedicado ao Renascimento da sua *Historia da Literatura Portuguesa* (Braga 1914)—, mas a partir dele, ou reiterou afirmações anteriores ou recorreu, com muita probabilidade, à leitura do periódico espanhol, não tendo legado uma colecção organizada e completa dos achados que foi dando a conhecer.

O início da sua investigação foi, portanto, também anterior aos subsídios de Wilhelm Storck relativos a algumas alusões e citações camonianas (ou atribuídas ao autor renascentista) e, se deles colheu benefícios a partir dos anos de 80 ou mesmo um pouco antes,<sup>11</sup> ela precedeu-os consideravelmente, uma vez que de 1869

7. Tinha presente as *Proben portuguesiesischer und catalanischer Volksromanzen* (Wolf 1856) e a *Primavera y Flor de Romances* (Wolf & Hofmann 1856).

8. Devido aos limites editoriais deste trabalho, não nos é possível apresentar toda a bibliografia teofiliana relativa a este tema. Assim, remetemos o leitor para a nossa lista de escritores recenseados por Braga que fizeram alusões a romances (Araújo 2000: 583-589).

9. No n.º. 3616 do periódico, refere-se, embora de uma forma muito incompleta, à origem vicentina de «Flérida» e à sua documentação em colecções espanholas. Pouco tempo depois, daria informações mais precisas sobre fontes antigas (Braga 1867b: 188; Braga 1869/1982: 448) e editaria as primeiras composições tradicionais do tema (Braga 1867a: 48-50; Braga 1869/1982: 282-284 e 331-332). Sobre a génese deste romance e sua documentação antiga e moderna, vide o estudos de Menéndez Pidal (1968: II, 104-105 e 216), de D.ª Carolina (Vasconcelos 1934: 115-135) de Israel Révah (1952: 107-139), de Costa Fontes (1997: 213); e, para a actualização da bibliografia portuguesa, o inventário de P. Ferré (Carinhas 2000: 93).

10. Segundo as suas palavras, Braga teria dado a primeira contribuição na *Historia da Poesia Popular Portuguesa*, (Braga 1867a), pp. 23-36 e 137 e ss.; como mostrámos, ela é anterior, embora os artigos do *Jornal do Commercio* tenham sido posteriormente incorporados na obra de 1867 (vide Araújo 2000: 140-148). A indicação de D.ª Carolina sobre as páginas de 1867 em que Teófilo desenvolve estes estudos é, também, incompleta.

11. A correspondência enviada por Braga ao erudito alemão entre 1876 e 1893 reflecte uma relação intelectual muito próxima entre os dois estudiosos. Cf. *Cartas de...* 1936.

(Braga 1869-1982; Braga 1869) a 1872 (Braga 1872) já tinha assinalado cerca de 50% das referências camonianas que haveria de indicar no final dos seus estudos e que D<sup>a</sup>. Carolina incorporou em larga medida na sua colecção.<sup>12</sup>

Os seus estudos também não ignoraram a contribuição de Garrett e de Wolf,<sup>13</sup> mas decorreram do seu conhecimento sobre a tradição antiga, o qual, apesar do que se pensava ainda muito recentemente, não se restringiu às colecções de Durán (1849-1851) e de Ochoa (s.d.)<sup>14</sup> —como o comprovam muitos dos volumes ainda conservados na sua biblioteca pessoal, os apontamentos manuscritos depositados no seu Espólio,<sup>15</sup> bem como as notas e remissões das suas obras impressas.

A crítica duvidou excessivamente das referências bibliográficas dadas pelo estudioso e considerou-as, quase sempre, citações indirectas feitas, sobretudo, através do *Romancero General*. oitocentista.<sup>16</sup> Neste sentido, não valorizou devidamente alguns aspectos das suas investigações e não atendeu a algumas das suas palavras que, afinal, têm vindo a ser confirmadas ultimamente —por exemplo, apesar de Teófilo afirmar que possuía um exemplar da primeira impressão da *Historia del muy noble y valeroso caballero el Cid Ruy Diez de Bivar* (Escobar 1605),<sup>17</sup> de Lisboa, de 1605, e que, pela leitura das suas licenças, não podia aceitar a opinião de Durán referindo-a como sendo de Alcalá, de 1612 (Braga 1871a: 309; Braga 1875: 340-341; Durán 1849-1851: II, 678),<sup>18</sup> só mais de um século volvido sobre as suas palavras, se reconheceu definitivamente o seu acerto (Askings 1973: 7-34; Rodríguez Moñino 1977: 121-130).

À medida que vamos conhecendo o seu Espólio,<sup>19</sup> biblioteca e monumental conjunto de notas e estudos manuscritos, cada vez mais admitimos ter compulsado

12. Embora nem sempre faça jus à contribuição teofiliana, coincide com o resultado das suas notas nos N<sup>os</sup>. 13, 15, 19, 23, 27, 30, 31, 32, 37, 39, 42.

13. São muito abundantes as suas referências de tonalidade muito distinta aos trabalhos garrettianos: desde o reconhecimento do pioneirismo da obra crítica do poeta à necessidade de sublinhar as suas diferenças de pressupostos e metodologias «científicas». As relativas aos subsídios wolfianos exprimem uma veemente contestação à tese da falta de originalidade da literatura portuguesa, como veremos; no entanto, cita as *Proben* e a *Primavera y Flor de Romances* desde o *Romanceiro* (Braga 1867a: 176; Braga 200-201) e, ainda em 1905, registava o contributo do autor alemão —leia-se, entre outros trechos, «Fernando Wolf foi o primeiro que citou os romances populares alludidos no texto de Gil Vicente» (Braga 1905-1987: 379).

14. Braga terá compulsado com maior frequência o acervo de Durán, já que o de Ochoa, embora indicado desde 1867, apenas nas *Epopéas da Raça Mosárabe* (Braga 1871a), ombreia em número de remissões com o *Romancero General*.

15. Legado que se encontra na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

16. Sobre as suas facetas de bibliófilo e bibliógrafo, dedicámos uma comunicação apresentada no *IV Colóquio da Secção Portuguesa da Asociación Hispánica de Literatura Medieval, Decifração*, Universidade Nova de Lisboa, 2002, «A invulgaridade do projecto *Bibliotheca de um medievista*» (no prelo).

17. Vide as várias edições inventariadas e descritas por Rodríguez Moñino (1977: [121]-206) e a de Arthur Askings (1973: 7-34).

18. À datação do autor espanhol não será estranha a atribuída por Nicolás Antonio. Menéndez Pidal, talvez influenciado pelas palavras de D<sup>a</sup>. Carolina, também não reconheceu total credibilidade à afirmação de Teófilo (1968: II, 164).

19. Trabalho que, como anunciávamos na referida comunicação apresentada ao Colóquio subordinado ao tema *Decifração*, prosseguimos; editaremos, em breve, notícias e materiais.

directamente vários títulos antigos dos que referiu —alguns deles não constam do seu actual legado talvez por terem sido extraviados ou perdidos nas sucessivas mudanças domiciliárias de Braga (Neves 1933: 29-31) ou depois da sua morte; outros, terão sido consultados em bibliotecas<sup>20</sup>—, como os que enumerou na introdução da *Floresta de Varios Romances* (Braga 1869: IX e XIII) ou na anterior «Bibliographia de Romanceiros e Folhas volantes» (Braga 1867a: 201-207). A própria forma como citou a *Primavera y Flor de Romances* cerca de 10 anos após a impressão wolfiana (Braga 1867b: 200 e 201, por exemplo), indicando o volume e o número da página, pode sugerir a utilização material da obra berlinense.

Claro que o seu conhecimento da tradição antiga, sobretudo o dos primeiros anos em que se dedicava a estes estudos, não pode ser comparado ao de Michaëlis de Vasconcelos subjacente aos artigos da *Cultura Española*, uma vez que, nesta altura, a investigadora podia recorrer, para além das obras já referidas, à reedição da *Primavera y Flor* e respectivos Suplementos e comentários eruditos da *Antología de poetas líricos castellanos* (Menéndez Pelayo 1899-1906) e a estudos de Menéndez Pidal, para referir apenas alguns dos que a própria autora cita (Vasconcelos 1934: 250). Em todo o caso, ele manifesta-se epocalmente mais actualizado e mais fundamentado sobre edições e exemplares antigos desconhecidos até de vindouros seus (como, por exemplo, a de Juan Escobar) do que era suposto.

Dizíamos, em nota, que a primeira referência de Braga sobre estas alusões de autores portugueses tinha ocorrido em 1865 e reportava-se à origem vicentina de «Flérida». Nesse momento, o erudito estava, com certeza, sob auspícios da leitura da introdução garrettiana ao poema «Dom Duardos» (Almeida Garrett 1851: II, 124-130), mas, nesse mesmo artigo, já anunciava a intenção de prosseguir a exumação de romances velhos e de composições de outros géneros em toda a obra do dramaturgo —e já estabelecia, igualmente, uma tipologia, ainda que embrionária, de alusões e citações.

A sua investigação, porém, não se restringiu às menções oferecidas pelas criações vicentinas e ampliou-se à medida que o erudito compulsava e estudava as obras de outros autores e as respectivas fontes e fundava a periodização e os cânones da literatura portuguesa. Logo reuniu a Gil Vicente um conjunto de escritores dos séculos XV-XVII com idênticos procedimentos criativos, como se pode observar pela lista:<sup>21</sup> António Prestes, António Ribeiro Chiado, António Serrão de Castro, Baltazar

20. Um manuscrito do estudioso que deixa supor a análise da impressão de 1555, de Antuérpia, do *Cancionero de Romances*, refere a consulta da obra na «Biblioteca do Porto» (autógrafo depositado no Envelope 7, Caixa 4, do seu Espólio). Infelizmente, porém, a nossa pesquisa nesse acervo portuense não nos revelou a existência actual de qualquer edição do acervo quinhentista.

21. Como já afirmámos, não é possível apresentar, neste trabalho, a localização bibliográfica de todas as referências teofilianas a cada um dos autores, tal é a sua dispersão; voltamos a remeter a sua consulta para o nosso estudo então citado. Advertimos, também, que Braga coligiu, para além das evocações contidas em obras destes escritores, menções colhidas no *Index Expurgatório* de 1581 (*Index librorum...* 1581) in Braga 1867a: 207; Braga 1869: XLIV; Braga 1871a: 307, 330; Braga 1875: 216; Braga 1885: 217; Braga 1905/1987: 402, 403; e no de 1624 (*Index Auctorum...1624*) in Braga 1867a: 206, 207; Braga 1867b: 201; Braga 1869: xxvi; Braga 1871a: 330, 332; Braga 1909/1982: 397, 466, 586; bem como nas *Memórias dos Ditos e Sentenças de Reis*, ms. n.º 1127 da Torre do Tombo in Braga 1905/1987: 370 e nas obras anónimas

Dias, Bernardim Ribeiro, Diogo Bernardes, Diogo do Couto, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, Francisco da Silveira, os dos autores com o mesmo nome de Francisco de Portugal,<sup>22</sup> Francisco de Portugal, Francisco Manuel de Melo, Francisco Sá de Miranda, Frei António de Portalegre, Frei Bernardo da Cruz, Frei Luís de Sousa, Garcia de Resende, Gil Vicente, Gil Vicente de Almeida, Gregório Afonso, Henrique Lopes, Jerónimo Ribeiro Soares, Jorge da Silveira, Jorge de Montemor (ou Montemaior), Jorge Ferreira de Vasconcelos, Jorge Pinto, Luís de Camões,<sup>23</sup> Miguel Leitão de Andrada, Nuno Pereira, Pedro Homem, Pero Andrade de Caminha e Simão Machado.

O seu projecto de 1865 foi, portanto, rapidamente ampliado e, logo (Braga 1867a) indicava a presença diversificada de romances em obras de Baltazar Dias,<sup>24</sup> Francisco Manuel de Melo,<sup>25</sup> Frei Bernardo da Cruz,<sup>26</sup> Jorge Ferreira de Vasconcelos<sup>27</sup> e nos *Index Expurgatórios* de 1581<sup>28</sup> e de 1624<sup>29</sup> —para além de acrescentar outros vestígios recolhidos nos autos vicentinos.<sup>30</sup> Claro que nem todas estas referências tinham sido descobertas por si, nomeadamente a de Jorge Ferreira de Vasconcelos à

---

*Auto do Fidalgo de Florença*, impresso em 1620 e 1632 in Braga 1898: 171 e *Auto do Juízo Final*, editado em 1530 in Braga 1870: 307; Braga 1871a: 302; Braga 1989: 164; Braga 1905/1987: 397.

22. Um deles faleceu em 1549 e o outro teve as datas de nascimento e de morte em 1585 e 1632, respectivamente.

23. Incluímos, como criações deste autor, as alusões e citações camonianas e pseudo-camonianas destacadas por Braga, reservando para outro momento a discussão da justeza das respectivas atribuições teofilianas —nomeadamente, as que, em certos momentos, o estudioso aventou a hipótese de serem da autoria de Manuel Pereira d'Ossem (ou Ocem). Sobre este caso particular, *vide* os comentários de D<sup>a</sup>. Carolina (Vasconcelos 1934: 48, 63).

24. Refere que o dramaturgo madeirense glosou o tema «Conde Alarcos», baseando-se numa referência do *Index* de 1624 (fol. 98) e não no texto literário por este se encontrar desaparecido (Braga 1867a: 192; Braga 1867b: 197). Cf. apontamento semelhante de Michaëlis de Vasconcelos (Vasconcelos 1934: 140-142).

25. Anota uma menção a «Silvana» no *Auto do Fidalgo Aprendiz*, «Passeava-se Silvana / por hum corredor hum dia...» (Melo 1665: 247 in Braga 1867a: 28; Braga 1867b: 180).

26. Detecta uma evocação do tema da derrota de D. Rodrigo no fragmento «começou de cantar um romance / Ayer fuiste rey de España, hoy no tienes un castillo» da *Crónica de D. Sebastião* (Cruz 1837: 308 in Braga 1867a: 140-141, nota 1).

27. Reconhece como citação romancística o verso «Pregonadas son las guerras de Francia contra Aragone» da *Comédia Aulegrafia* (Ferreira de Vasconcelos 1619: f. 84v in Braga 1867a: 26-27 e Braga 1867b: 165).

28. Lê «Con rabia está el rey David rasgando su corazón» no f. 22 (Braga 1867a: 207).

29. Encontra referências ao «Romance del Moro Calaynos y de la Infanta Sybilla» («Calainos», romance jogralesco) e ao «Romance de um desafio que se teve em Paris entre Montesinos e Oliveiros»; sobre os temas em que intervém a personagem Montesinos, *vide* Menéndez Pidal 1968: I, 263 in Braga 1867a: 206 e Braga 1867b: 201, e ao «Romance de Escarramão convertido ao divino». Sobre este «romance de germania» vertido ao divino, *vide* Menéndez Pidal 1968: II, 199-201 in Braga 1867a: 207.

30. Compulsando a edição de Hamburgo das obras do dramaturgo (Gil Vicente 1834), apresenta 8 menções: «Yo me estava em Coimbra», *Farsa dos Almocreves* (Gil Vicente 1834: III, 202 in Braga 1867a: 23); «los hijos de dona Sancha», *Auto da Barca da Gloria* (Gil Vicente 1834: II, 277 in Braga 1867a: 23); «Nunca fue pena mayor», *Auto da Barca da Gloria* (Gil Vicente 1834: II, 410 in Braga 1867a: 23, 26); «em Paris estava don'Alda», «vámonos dijo mi tio» e «Muliana, Muliana», *Comédia de Rubena* (Gil Vicente 1834: II, 27 in Braga 1867a: 24); «mal me quieren en Castilla», *Farsa de Inês Pereira* (Gil Vicente 1834: III, 143 in Braga 1867a: 26, 138); «Ai Valença, guai Valença / de fogo sejas queimada», *Auto da Lusitânia* (Gil Vicente 1834: III, 270 in Braga 1867b: 200).

«Donzela guerreira» que já tinha sido notada por Almeida Garrett (1851: II, 60-63) e por Wolf (1856: 12 e 99), mas, ainda assim, nestes dois anos em que preparava a fundação da história da literatura portuguesa através da investigação do Romanceiro e do Cancioneiro, as suas apertações manifestam bem o seu crescente interesse pela tradição antiga nas letras nacionais.

No final dos seus estudos, tinha apresentado um significativo conjunto de autores (alguns persistentemente revisitados, outros aparentemente abandonados no decorrer do seu labor) e de evocações romancísticas que necessitam, hoje, de uma leitura crítica baseada não só no actual conhecimento do *corpus* poético de referência como no actual entendimento da sua utilização como matéria de alguns dos procedimentos criativos dos respectivos escritores (Asencio 1970: 136) — não podendo ser este o lugar desse vasto trabalho. Não obstante, o resultado da sua investigação foi, na época dos artigos da *Cultura Española*, quase integralmente aceite pela filóloga ao ponto de representar uma significativa fonte da sua colecção: cerca de 52% dos versos citados ou aludidos incluídos no acervo de 1907-1909 (cada um deles corresponde, nesta colecção, a um número) tinham sido registados por Braga<sup>31</sup> e 66% dos autores recenseados pela investigadora foram previamente indicados pelo erudito.

Poucas referências apresentadas por Teófilo foram preteridas e não transitaram para o repertório de 1907-1909. Entre elas, encontra-se um grupo de 4 alusões líricas de António Prestes às quais D<sup>a</sup>. Carolina não terá reconhecido pertinência para o seu conjunto romancístico. Respectivamente: a) Braga 1875: 215, Braga 1905-1987: 367; b) Braga 1898: 270; c) Braga 1871a: 328, Braga 1875: 215; d) Braga 1898: 270); a) «Canta-se Lá miran ojos, / e eu canto a voltas disto / que de lá me viram nojos», *Auto da Ciosa (Primeira parte dos autos... 1587/1871: f. 115v/p. 300)*,<sup>32</sup> *vide* os versos de referência «Allá miran ojos / a do quieren bien» (Frenk 1990: 34-35<sup>33</sup>); b) «que está agora cantando Cómo no venís amigo», *Auto do Procurador (Primeira parte dos autos... 1587/1871: f. 29/p. 115)*, *vide* os versos de referência: «Si la noche haze oscura / y tan corto es el camino, / ¿cómo no venís, amigo?» (Frenk 1990: 265); c) «que nel campo dormirás [...] / que não comigo [...] / Ývanse las casadas», *Auto do Procurador (Primeira parte dos autos... 1587/1871: f. 26v/pp. 105-106)* *vide* os versos de referência «¡Fuera, fuera, fuera, / el pastorcico! / Qu'en el campo dormirás, / y no conmigo» (Frenk 1990: 327-328); d) «bata ali aque-

31. Teófilo tinha identificado os versos que são analisados nos seguintes números da obra de D<sup>a</sup>. Carolina: 1, 3, 4, 5, 6, 13, 14, 15, 18, 19, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 42, 43, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 56, 57, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80b, 80c, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 114, 115, 118, 119, 121.

32. Braga cita os *Autos* a partir da (lamentável) edição de Tito de Noronha, de 1871a, embora conhecesse a sua primeira edição (*Primeira parte dos autos...1587*), uma vez que por ela lê a *Cena Policiana* (fol. 41v.-48), de Henrique Lopes, o *Auto de Rodrigo Mendo* (fol. 48v.-60), de Jorge Pinto, e o *Auto do Fisico* (fol. 101v.-111v.), de Jerónimo Ribeiro Soares, onde descobre menções romancísticas. Assim, apresentamos, em primeiro lugar, o número do folio da edição de 1587 seguido do número da página da impressão citada pelo autor.

33. Embora já conheçamos a edição ampliada de 2003, em 2 volumes, é a de 1990 que, neste momento, compulsamos.



lla porta [...] / sim bater nel huerto ageno: / deziros á mal su dueño», *Auto do Procurador (Primeira parte dos autos... 1587/1871: f. 31v/p. 127)*, vide os versos de referência «No entréis en el huerto ageno, / que os dirá mal su dueño» (Frenk 1990: 983).

Do mesmo modo, não incluiu a utilização vicentina detectada por Braga (Braga 1871a: 328, Braga 1875: 213, Braga 1885: 215) dos versos «Dónde estás que no te veo, / qué es de ti, esperança mia?» (Frenk 1990: 197) numa fala do Romeiro da *Tragicomedia Frágua d'Amor* (Gil Vicente 1834: II, 329), apesar de os reconhecer «em diversas composições líricas» (Vasconcelos 1934: 98).<sup>34</sup>

As restantes que não figuram no acervo resultaram da investigação teofiliana das páginas do *Index Expurgatório* de 1624, recolhendo, apenas, as já citadas referências ao «Romance do Mouro Calaynos y de la Infanta Sybilla» e à glosa de Baltasar Dias ao «Conde Alarcos» (Vasconcelos 1934: 99 e 141-142).

Integrou, contudo, algumas menções que lhe suscitavam dúvidas, embora nem sempre confrontasse a sua opinião com a de Braga. Expressou, contudo, a sua discordância relativamente ao registo teofiliano (Braga 1869: 212) da alusão de Sá de Miranda a um romance nos versos «Que traz sempre a boca chea / Das Filhas de Dom Beltrane» da égloga VIII, «Basto»;<sup>35</sup> não encontrando nenhum poema antigo a que pudesse reportar o fragmento «Crea[-o] o baboso d'aldea / que traz sempre a boca chea / das filhas de Don Beltrane»,<sup>36</sup> inclinou-se a relacioná-lo com o adágio «Quem ama Beltrão, ama o seu cão» que deveria conhecer através das palavras do Marquês de Santillana e/ou de Fernando Rojas,<sup>37</sup> apesar de não o referir (Vasconcelos 1934: 87).

Braga não apresentou sempre uma documentação muito precisa das fontes de cada menção romancística nem do local exacto onde a encontrava; algumas vezes deixou mesmo por indicar o tema ou os versos aludidos registando apenas o fragmento textual onde reconhecia a interferência. Esta debilidade teofiliana foi acentuada pelos investigadores que promoviam o advento da metodologia filológica, mas hoje é necessário compreendê-la no quadro epistemológico da época de transição da crítica romântica para a positivista, na qual o erudito esteve na primeira linha europeia — como o prova, em particular, parte da sua correspondência publicada (Vilhena 1985 e 1987) e inédita.<sup>38</sup> Além disso, iniciou os seus estudos fortemente marcado pela necessidade de contestar a autoridade wolfiana que ne-

34. Remete restante informação lírica para outros estudos seus (Vasconcelos 1982: 397-421 e 1901: 32).

35. O autor açoriano lia-os na reimpressão de 1677 (Sá de Miranda 1677: 177).

36. D<sup>a</sup>. Carolina cita-os a partir da sua edição da obra poética do autor (Vasconcelos 1885: 103, 428-430).

37. O provérbio não consta do *Vocabulario de refranes y frases proverbiales* que consultámos pela edição de 1992 (Correas 1992), colecção que, de resto, D<sup>a</sup>. Carolina apenas conhecia pelo *compte-rendu* que afirma ter lido na *Cultura Española* (Vasconcelos 1934: 42, nota 6). Encontra-se, porém, documentado no acervo do Marquês de Santillana e em *La Celestina*, como o indica Juana G. Campos e Ana Barella (2000: 43)

38. Encontra-se, ainda, no Espólio de Ponta Delgada um notável conjunto de missivas, em grande parte inéditas, que documenta as relações que o autor mantinha com grandes vultos e associações das letras europeias.

gava a existência de uma literatura portuguesa original e a classificava como «*más receptiva que productiva*» (Wolf s.d.: 447),<sup>39</sup> o que provocou, no âmbito dos seus estudos sobre o Romanceliro, um carrear de provas da participação nacional na história do género e uma atenção mais reduzida a questões de índole estritamente textual.

Ainda assim, só uma observação cuidada dos poemas antigos e dos textos da sua literatura pátria pôde ter estado na base da elaboração de uma tipologia das diferentes utilizações dos versos dos romances, logo entrevista em 1865. Poucos anos depois desse embrionário conjunto de categorias e mais de 3 décadas antes dos «*Romances Velhos em Portugal*», apresentou uma classificação das citações e alusões nas *Epopêas da Raça Mosárabe*, opúsculo em que também ofereceu o único elenco (embora muito incompleto por não reunir todas as referências que apresentara até então) de fontes romancísticas de obras portuguesas e, em menor representação, espanholas (Braga 1871a: 327-332).

Esta sistematização foi mais desenvolvida no plano teórico do que concretizada na inventariação das menções romancísticas; não obstante, nela estabeleceu três tipos de referências segundo critérios fundados na citação, na alusão ou recriação textual e na composição segundo o paradigma poético do género, os quais correspondem, respectivamente: a) a uma classe que integraria as menções em forma breve, «como cousa muito sabida»; b) a uma outra que reuniria as glosas ou paródias de romances; c) e uma última categoria que seria constituída pelas novas criações artísticas elaboradas segundo o modelo poético do Romanceliro, mas que não apresentavam uma relação directa com um determinado tema.

Michaëlis de Vasconcelos desenvolveu a tipologia das evocações, detalhou as suas modalidades e estudou com maior rigor muitas delas (Vasconcelos 1934: 249 e ss.), no entanto, como se observa, também a classificação teofiliana confirma o pioneirismo da contribuição do autor igualmente verificado no manancial de referências, bem como no universo de poetas, dramaturgos e cronistas que as ofereceram nos seus textos.

TERESA ARAÚJO

*Universidade Nova de Lisboa*

*Instituto de Estudos sobre o Romanceliro Velho e Tradicional*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de (1851), *Romanceliro. Romances Cavalherescos Antigos*, 2 vols., Lisboa, Na Imprensa Nacional.
- ARAÚJO, Maria Teresa Alves de (2000), *Teófilo Braga e o Romanceliro de Tradição Oral Moderna Portuguesa*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.

39. Teria Braga consultado a edição alemã desta obra? Pelo menos, cita-a nessa língua, em 1871a, indicando mesmo o número da página a que pretende fazer referência (Braga 1871b: 193).

- ASENCIO, Eugenio (1970), *Poética y realidad en el cancionero peninsular de la Edad Media*, Madrid, Gredos. [2a ed.]
- (1989), *Cancionero musical luso-español del siglo XVI antiguo e inédito*, Salamanca, Universidad de Salamanca.
- ASKINS, Arthur Lee-Francis (1873), «Introducción», en Juan Escobar, *Historia y Romancero del Cid (Lisboa, 1605)*, edición, estudo bibliográfico e índices por Antonio Rodríguez-Moñino, Introducción por Arthur Lee-Francis Askins, Madrid, Editorial Castalia.
- BRAGA, Theophilo (1865), «Discussão das Fórmulas da Poesia Popular Portuguesa», *Jornal do Commercio*, 3595, 11; outubro, 3603, 20; outubro, 3604, 21; outubro, 3616, 7; novembro, 3631, 24; novembro, 3643, 8; dezembro.
- (1867a), *Historia da Poesia Popular Portuguesa*, Porto, Typographia Lusitana.
- (1867b), *Romanceiro Geral Colligido da Tradição*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- (1869), *Floresta de Varios Romances*, Porto, Typ. da Livraria Nacional.
- (1869-1982), *Cantos Populares do Archipelago Açoriano*, Porto, Typ. da Livraria Nacional.
- (1870), *Historia do Theatro Portuguez. Vida de Gil Vicente e sua Eschola. Seculo XVI*, Porto, Imprensa Portuguesa-Editora.
- (1871a), *Historia da Litteratura Portuguesa (Eschola Nacional). Epopêas da Raça Mosárabe*, Porto, Imprensa Portuguesa-Editora.
- (1871b), *Historia da Poesia Portuguesa (Eschola Provençal), Seculo XII a XVI. Trovadores Galecio-Portuguezes*, Porto, Imprensa Portuguesa.
- (1872), *Theoria da Historia da Litteratura Portuguesa*, Porto, Imprensa Portuguesa Editora.
- (1875), *Manual de Historia da Litteratura Portuguesa*, Porto, Liv. Universal de Magalhães & Moniz, Editores.
- (1885), *Curso de Historia da Litteratura Portuguesa*, Lisboa, Nova Livraria Internacional-Editora.
- (1898), *Historia da Litteratura Portuguesa. Eschola de Gil Vicente e Desenvolvimento do Theatro Nacional*, Porto, Livraria Chardron, Casa Editora, Sucessores Lello & Irmão.
- (1905-1987), *Historia da Poesia Popular Portuguesa. Ciclos Épicos*, Lisboa, Manuel Gomes, Editor. [Reedição facsimilada, Lisboa, Vega.]
- (1909-1982), *Romanceiro Geral Portuguez, III. Romances com Forma Litteraria do Seculo XV a XVIII*, 2ª. ed., Lisboa, J.ª Rodrigues & Cª. [Reedição facsimilada, Lisboa, Vega.]
- (1914), *Historia da Litteratura Portuguesa, II, Renascença*, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão.
- CAMPOS, Juana G. & Ana BARELLA (2000), *Diccionario de Refranes*, Premio Conde de Cartagena, Real Academia Española, Madrid, Espasa.
- Cartas inéditas de Teófilo Braga a Wilhelm Storck conservadas na Biblioteca da Universidade de Münster*, Coimbra, 1936.
- CORREAS, Gonzalo (1992), *Vocabulario de refranes y frases proverbiales*, Madrid, Visor Libros.

- CRUZ, Frei Bernardo da (1837), *Crónica de D. Sebastião*, ed. de A. Herculano e A. C. Paiva, Lisboa, Imp. de Galhardo e Irmãos.
- DI STEFANO, Giuseppe (1982), «Il romancero viejo in Portogallo nei secoli xv-xvii (Rileggendo C. Michaëlis de Vasconcelos)», *Quaderni portoghesi*, 11-12, pp. 27-37.
- DIAS, Aida Fernanda (1974), *Motos, vilancetes, cantigas e romances glosados*, Separata da *Revista de História Literária de Portugal*, III, Coimbra, Faculdade de Letras.
- DURÁN, Agustín (1849-1851), *Romancero General o colección de romances castellanos anteriores al siglo XVIII*, 2 vols., Biblioteca de Autores Españoles, x, XVI, Madrid, M. Rivadeneyra. [Madrid, Atlas, 1945.]
- ESCOBAR, Juan (1605), *Historia del muy noble y valeroso caballero el Cid Ruy Diez de Bivar, en romances en lenguaje antiguo, recopilados por Juan de Escobar*, Lisboa. [Vide Askins.]
- FERRÉ, Pere (1982-1983), «El romance “El reguñir, yo regañar” en el *Auto de Sibila Casandra* de Gil Vicente», *Revista Lusitana*, Segunda Série, III, pp. 55-67.
- & Cristina CARINHAS (2000), *Bibliografía do Romancero Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*, Madrid, Instituto Universitario Menéndez Pidal.
- FERREIRA DE VASCONCELOS, Jorge (1619), *Comedia Avlegrafia feita por Iorge Ferreira de Vasconcellos agora novamente impressa...*, Em Lisboa, por Pedro Craesbeeck.
- FONTES, Manuel da Costa (1997), *O Romancero Português e Brasileiro: Índice Temático e Bibliográfico (Com uma Bibliografia Pan-Hispânica e Resumos de cada Romance em Inglês)*, I, Madison.
- FRENK, Margit (1990), *Corpus de la antigua lírica popular hispánica (siglos xv a xvii)*, Madrid, Castalia. [2ª ed.]
- Index Auctorum damnatae memoriae. Tum etiam librorum, qui vel simpliciter, vel ad expurgationem usque prohibentur, vel denique expurgati permittuntur*, Ulissip., apud Petri Craesbeck, 1624.
- Index librorum prohibitorum cum regulis confectis per Patres etc. auctoritate SS. D. nostri Pii III Pont. Max. comprobatus. Nunc recens de mandato Ill. ac Rev. D. Georgii Dalmeida Metrol. Archiepiscopi Olissiponensis*, Olissipone, excudebat Antonius Riberius, 1581.
- MELO, Francisco Manuel de (1665), *Auto do Fidalgo Aprendiz in Obras Métricas*, II, Lyon.
- MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino (1899-1906), *Antología de poetas líricos castellanos*, VIII-XII, Madrid, Perlado, Páez y Cia; Edición Nacional de las *Obras Completas* de Menéndez Pelayo, XXIV, Santander, CSIC.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1968), *Romancero Hispánico (Hispano-Portugués, Americano y Sefardí). Teoría e Historia*, 2 vols., Madrid, Espasa-Calpe. [2ª. ed.]
- MIRANDA, Francisco Sá de (1677), *As obras do Doutor Francisco de Saa Miranda*, Lisboa, A custa de Antonio Leite.
- NEVES, Álvaro (1933), «Notas Teofilianas», in AA.VV., *In Memoriam do Doutor Teófilo Braga*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, pp. 23-32.
- OCHOA, Eugenio (s. d.), *Tesoro de los Romanceros y Cancioneros españoles, históricos, caballerescos, moriscos y otros*, París, Baudry, Librería Europea.

- Primeira parte dos autos e comedias portuguezas feitas por Antonio Prestes e por Luis de Camões e por outros autores cujos nomes vão no inicio das obras*, Lisboa, Andres Lobato, 1587 (ed. de Tito de Noronha, Porto, Em casa da V. Moré - editora, 1871).
- RÉVAH, Israel. S. (1952), «Edition critique du “roman” de Don Duardos et Flérida», *BHTP*, III.
- RODRÍGUEZ MOÑINO, Antonio (1977), *Manual bibliográfico de Cancioneros y Romanceros (Siglo XVII)*, I, Madrid, Editorial Castalia.
- STORCK, Wilhelm (1880-1885), *Luis de Camoens Sämmtliche*, 6 vols., Paderborn, Druck und Verlag von Ferdinand Schöningh.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1885), *Poesias de Francisco Sá de Miranda*, Halle, Niemeyer.
- (1890-1892), «Estudos sôbre o romanceiro peninsular: Romances velhos em Portugal», *Revista Lusitana*, II, pp. 156-179 e 193-240.
- (1892), «Romanzenstudien, I. Geschichte einer alten Cidromanze» e «Romanzenstudien, II. Quem morre de mal de amores — não se enterra em sagrado», *Zeitschrift*, XVI, pp. 40-89 e 397-421.
- (1897), «Geschichte der portuguesischen Literatur» in *Grundriss der romanischen Philologie*, Hrsg. Von Gustav Gröber, II. Band, 2. Abteilung, Strassburg (Trübner), pp. 129-382.
- (1901), *Pedro Andrade de Caminha*, Paris, Mocon, Protat Frères.
- (1907-1909), «Estudos sobre o Romanceiro peninsular: Romances Velhos em Portugal», *Cultura Española*, V, 1907, pp. 767-803, 1021-1057; IX, 1908, pp. 93-132, 435-512, 717-758, e XIV, 1909, pp. 434-483, 697-732.
- (1934), *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular. Romances Velhos em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934. [2ª ed., reimpresso no Porto, Lelo, 1980.]
- VICENTE, Gil (1834), *Obras de Gil Vicente*, 3 vols., Hamburgo, Na Officina Typographica de Langhoff.
- VILHENA, Maria da Conceição (1985), *Correspondência de Teófilo Braga: cartas em francês*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- (1987), *Correspondência de Teófilo Braga: cartas em italiano*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- WOLF, Ferdinand Joseph (1856) *Proben portuguesischer und catalanischer Volksromanzen*, Wien, Aus Der Kaiserlich-Königlichen Hof-Und Staatsdruckerei.
- (s.d.), *Historia de las litteraturas castellana y portuguesa*, ed. traduzida por Miguel de Unamuno e anotada por M. Menéndez y Pelayo, II, Madrid, La España Moderna, [1896] (a partir de *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur*, Berlín, 1859).
- & Conrado Hofmann (1856), *Primavera y Flor de Romances*, 2 vols., Berlin, A. Asher y Comp. [2ª. ed., vide Menéndez Pelayo 1899.]